

Modernismo: A Fata Morgana no domínio cristão

Trad. Gabriel Carvalho Chebek¹

¹ Marido da Bruna, membro da Igreja Presbiteriana Bereia, mestrando em Teologia Bíblica do Novo Testamento pelo Seminário Jonathan Edwards. Estudante do Invisible College. Graduado em direito pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Cristianismo e Política.

Título original

Het modernisme een fata morgana op christelijk gebied (1871) — Abraham Kuiper

Tradução do inglês, disponível em:

A fata morgana. In: *The Methodist Review* 88 (= 5th series, vol. 22) [1906], no. 2, March/April 1906, pp. 185–203; no. 3, May/June 1906, pp. [355]–378. Translated by: Rev. J.H. De Vries

Se a cortina que esconde o mundo espiritual de nossa visão pudesse ser aberta, tenho certeza de que uma luta tão feroz, tão borbulhante das profundezas, que levaria tudo consigo, se revelaria aos olhos de nossa alma, que a batalha mais amarga já travada nesta Terra pareceria, em comparação, mais ociosa do que feroz. Não é aqui, mas acima de nós, que ocorre o choque das forças reais. Nossas lutas são apenas os fracos ecos das reverberações de sua violência. Mesmo essas são opressivas para nossa vida espiritual mais fraca e, às vezes, alarmantes. De todas as direções, o conflito de espíritos se abate sobre nós. Tudo abaixo e ao redor está em um estado de fermentação e em ponto de ebulição. Os alicerces mais firmes são atacados, os princípios mais profundos se tornam relativos/soltos. Quase parece que os gritos selvagens da Revolução Francesa em 1793 foram apenas o prelúdio estridente da poderosa marcha de batalha que agora é tocada em nossos ouvidos.

Mesmo em épocas decisivas, pode ser considerado a melhor parte do valor abster-se da briga em vez de, por meio de um ato pessoal, encorajá-la, pois a resistência não aumenta a coragem do inimigo e a autodefesa não faz com que o fogo da contenda queime mais ferozmente? No entanto, com reverência inabalável por aqueles que julgam o contrário, afirmo minha convicção de que, no momento atual, esse estilo de tática pode não ser mais o nosso.

Vou explicar isso com uma lembrança da "Câmara dos Comuns". O dia 6 de maio de 1791 permanecerá para sempre memorável nos anais da Câmara Baixa da Inglaterra. Fox e Burke, líderes entre os maiores estadistas de que a Inglaterra já se orgulhou, estavam, na época, no auge de sua glória parlamentar, enquanto a estreita amizade entre eles parecia uma salvaguarda segura do bem-estar da Velha Inglaterra. Mas o que aconteceu? Um ano se passou desde o início da Revolução Francesa, e Edmund Burke atacou essa violenta subversão de todas as coisas em seu brilhante artigo, "Reflexões sobre a Revolução na França", que teve uma circulação mais ampla do que qualquer outro folheto, e no qual o velho estadista derramou todo o ardor de seu peito e todo o poder de seu vigoroso intelecto. Para ele, todos os caminhos de sua vigorosa catilinária terminavam nisso - a Revolução Francesa era um monstro de corrupção que ele pegou pelos cabelos para esmagá-lo no chão duro da palavra de Deus e da ordenança de Deus, na lei e no fato. Foi assim que ele escreveu, e eis que, no dia 6 de maio, Fox, que era colega e amigo do peito de Burke, levantou-se de seu assento ministerial na assembleia plenária do parlamento e, com calor e ênfase, fez um apelo aos princípios dessa mesma revolução. Isso foi demais para Burke. Sem hesitar, ele se levantou e não apenas refutou o que Fox havia dito, mas ali mesmo, abertamente, diante de toda a Inglaterra, rompeu o terno laço de amizade que o unira a Fox por quase trinta anos. E embora Fox tenha se desmanchado em lágrimas e jurado que não romperia com seu fiel amigo, Burke permaneceu inabalável, inexorável. Quando se tratava de princípios, ele não sabia o que era acomodação.

"Sei o valor de minha linha de conduta", respondeu ele. "De fato, fiz um grande sacrifício - cumpri meu dever, embora tenha perdido um amigo. Há algo na detestada Revolução Francesa que envenena tudo o que toca."

Em hipótese alguma eu me atreveria a calçar os sapatos de um homem como Burke. Mas há algo em sua ação ousada e em sua palavra viril que encanta e cativa, e que, apesar do apostolado da paz, escreve no coração de todo homem de caráter essa lição de vida.

Assim que os princípios que antagonizam a convicção mais profundam de alguém ganham terreno, resistência é dever, paz é pecado e, ao preço da paz mais nobre, devemos atacar esses princípios e marcá-los diante dos olhos de amigos e inimigos com todo o ardor de nossa fé. E, nesse sentido, a luta contra o modernismo, na qual o ataque contra a cristandade criou seu sistema mais estável, não pode mais ser evitada de nossa parte. De fato, é doloroso, pois nossa religião perde algo de sua fragrância quando temos de defender sua causa antes de desfrutar de seus privilégios, mas, apesar dessa relutância, cabe a nós também, nesse aspecto, confessar, com Burke: "Tal é agora o infortúnio de nossa época que tudo deve ser discutido, como se a verdade da religião fosse sempre um assunto mais de discussão do que de prazer". Não se pode fugir da época, mas é preciso aceitá-la como ela é, e a época exige que se testemunhe o dismantelamento da garantia de sua fé ou que se participe da briga; e, diante de tal escolha, aquele que está decidido em sua convicção não sabe o que é hesitação.

Assim fala a fé, e o espírito de nosso tempo incentiva essa reivindicação e, por sua vez, estimula a autodefesa, desde que a intenção seja séria. Os homens que lidam com verniz e gesso têm, de fato, tentado longa e bravamente encobrir, com arte e engenhosidade, todas as rachaduras e fissuras em nossa vida social, mas tudo em vão e, no final, até mesmo aqueles que têm a mente menos séria já se cansaram de tanta enrolação. A tática de encobrir as coisas não é mais desejada. Os dias de lua de mel da impassibilidade espiritual chegaram ao fim. Finalmente, aprendemos que a forma convencional é uma lápide e não um escudo. A coragem foi restaurada no sangue e o brilho nos olhos opacos.

Ousamos novamente encarar como uma questão natural enfrentar um oponente com firmeza nos arreios. Sim, já avançamos tanto que a simpatia dos espíritos mais despertos é perdida quando alguém finge confessar o Cristo segundo as Escrituras e, ao mesmo tempo, evita a guerra contra o modernismo. Entretanto, devido à seriedade desse conflito, o ataque nunca deve buscar força na subestimação nem pode degenerar em abuso. Aquele que não aprecia seu oponente não o ataca, mas o fantasma de sua própria fantasia. Desejo evitar esse estilo de guerra. A própria apreciação do modernismo me fornecerá o terreno da oposição; e eu não posso declarar de forma mais breve e precisa tanto o que eu aprecio no modernismo quanto o que eu me oponho nessa tendência espiritual do que considerar o modernismo como a "fata Morgana no domínio cristão".

Para elucidar essa figura, com a qual desejo esboçar o caráter de meu oponente, permita-me uma breve explicação desse termo um tanto estranho. "Una fata" é o termo italiano para o que chamamos de "fada". Entre essas formas da imaginação, havia uma à

qual os camponeses italianos davam o nome de Morgana, e dessa fada os habitantes de Reggio tomaram emprestado o nome de "fata Morgana" para um belo fenômeno aéreo que, como diziam, era pintado por seu cetro no horizonte de Reggio. O fenômeno em si não deve ser confundido com a conhecida miragem do deserto. O Saber dos árabes, que retrata oásis em planaltos áridos, não tem nada em comum com a Morgana e deve sua origem a processos contrários da natureza. Em sua forma mais sóbria, a Morgana se mostra na costa sul da Inglaterra, mais ricamente nas dunas da Groenlândia, mas em seu esplendor total, a Morgana só é vista no seio tranquilo das águas que separam a Sicília da costa oeste da Itália. Testemunhas oculares nos dizem que, às vezes, a costa francesa, que fica a muitos quilômetros de Hastings, é projetada no meio do canal, de modo que Latham pode dizer: "O que estava muito distante agora está tão perto que parece que estamos bem na frente dele".

Mais digna de nota é a história contada por Daniel Stricket, que, em 1743, viu de repente um homem com um cachorro perseguindo vários cavalos na encosta inacessível de Souterfell, enquanto, após uma investigação minuciosa, não foi encontrado nenhum vestígio de casco de cavalo em toda a vizinhança. As pessoas, de fato, não acreditaram em suas palavras, mas nove meses depois o mesmo fenômeno se manifestou novamente, dessa vez para um grande grupo de pessoas que, com sentimentos semelhantes ao terror, observaram uma companhia inteira de cavalaria com fileiras fechadas galopando pelas encostas íngremes do Souterfell, enquanto a investigação provou que nenhum ser vivo havia estado lá. O que Scoresby viu na Groenlândia é uma aproximação maior do Morgana. "Em toda a sua extensão", diz ele, "a costa desabitada da Groenlândia parecia uma cidade antiga e gigantesca, cheia de monumentos e obeliscos, ruínas, fortalezas e templos. Constantemente novas estruturas surgiam para trocar de lugar com as que já haviam aparecido. Tudo estava em movimento. Onde em um momento havia uma fortaleza, no momento seguinte havia uma catedral. E, apesar desse movimento rápido, as figuras eram tão nítidas e bem delineadas que, ao que tudo indicava, as paredes do palácio eram as mais fortes".

Ainda em seu esplendor máximo, a verdadeira Morgana só pode ser apreciada na costa marítima de Reggio, e eu lhes trago, nas próprias palavras de Minasi, a impressão que ele teve três vezes dessa visão maravilhosa:

"Mal o sol da manhã havia alcançado o ponto intermediário entre o horizonte e o zênite quando, em um momento em que nem o vento nem a correnteza provocaram a menor ondulação na face das águas, surgiu subitamente da superfície azul uma cena majestosa e gloriosa que, multiplicando-se em séries intermináveis, ampliou-se

e alargou-se diante de meus olhos atônitos. Primeiro, apareceram, em um esplendor ofuscante, longas fileiras de pilares de mármore, adornados com os capitéis mais artísticos e sustentando os arcos mais perfeitos. Esses pilares foram desaparecendo gradualmente de vista, mas apenas para dar lugar a outras colunatas de molde mais pesado e, se possível, de forma mais rica. E agora, das profundezas, surgiam os palácios mais imponentes, de tamanho gigantesco e imponente esplendor de torres e pináculos, todos brilhantemente iluminados pela luz do sol que entrava por todas as janelas. Mas essas belas aparências também logo se dissolveram na luz, e agora eu via doces cenas rurais de campos e árvores, prados gramados e encostas verdes, ricamente pontilhadas por grandes multidões de gado e ovelhas. E essas cenas, que logo desapareceram, foram seguidas por grandes exércitos de infantaria e cavalaria com esplêndidos equipamentos e ritmo de movimento e cor. Tudo isso passava diante de mim em estilo panorâmico, tão vividamente próximo que eu quase podia tocá-los, com contornos claros, nitidamente definidos, cores brilhantes, proporções exatas, com passos rápidos, mas imponentes, deslizando ao longo do nível azul-esverdeado do mar."

Com um fenômeno tão majestoso diante de nós, deixe-me indicar como primeira característica sua beleza encantadora. Mas há mais: o Morgana segue uma lei fixa de refração e não cria nada novo, mas apenas reflete as coisas existentes, pois na Sicília ou na costa oeste da Itália esses palácios estão de pé, esses parques se estendem, o gado pasta e esses exércitos se movem, os quais, ampliados e multiplicados, se espelham no horizonte de Reggio. E, finalmente, o Morgana perde toda a realidade. Aqueles que a viram realmente competiram entre si em seus protestos de que era quase impossível reconhecer a irrealidade do que viam, mas, embora no lado íngreme do Souterfell um bando de cavaleiros tenha sido visto, nenhum traço de uma única marca de casco foi encontrado, e mal o sol avançou alguns graus em seu curso, e uma brisa matinal tocou as águas, quando os últimos traços da magnífica criação da Morgana desapareceram da costa de Reggio. De fato, o Morgana era lindo. O Morgana precisa chegar, mas é irreal. Por isso, chamo o modernismo de "Morgana no domínio cristão", pois me parece um fenômeno cuja perspectiva encanta por sua beleza sedutora, que não nasce do capricho ou da fantasia, mas de acordo com uma lei fixa; e que, com todo o seu esplendor, perde-se, no entanto, em figuras irrealis. O modernismo e Morgana são ambos encantadoramente belos, mas são o resultado de uma lei fixa e são desprovidos de realidade. Esses são os três traços que desejo mostrar. E como, por uma questão de simetria, eu não gostaria de tornar uma parte do argumento desnecessariamente longa e outra muito breve, pedirei apenas um breve momento para o primeiro ponto, um pouco mais longo para o segundo, a fim de dedicar mais tempo ao último aspecto, que conclui tudo, sobre a acusação que estou fazendo contra o Modernismo, a saber: que ele carece de toda a realidade.

I. Assim como o Morgana, o modernismo é belo.

E se você se sentir inclinado a questionar a sinceridade desse elogio de meus lábios, permita-me uma breve referência histórica. Quando, em seu início, há algumas décadas, e enquanto ainda mal era conhecido por esse nome, o modernismo lançou os primeiros filhotes de seu espírito, um fenômeno muito singular se apresentou. Em muitas cidades e vilarejos, os crentes ortodoxos mais severos do estilo antigo achavam que haviam encontrado seu homem no pregador do modernismo. Por muito tempo, esses crentes robustos na palavra de Deus evitaram as igrejas. Eles não podiam suportar a pregação de superficialidades doces e altamente douradas. Seu treinamento nas doutrinas da fé reformada e sua interpretação da vida segundo seus princípios os haviam acostumado demais a permanecer nas profundezas e a enfrentar a gravidade das coisas. Nem os antigos liberais nem os semiconfessionais serviam para eles. Embora as pessoas os ridicularizassem, eles sustentavam que a alma não pode viver com esse tipo de alimento. Em reclusão tranquila ou em um círculo de espíritos solidários, eles buscavam alimento para o coração naqueles livros antigos e graves que, em seu período mais próspero, a igreja havia preenchido com um espírito melhor.

Mas eis que, de repente, aconteceu algo que ninguém imaginava que pudesse acontecer novamente. Um jovem pregador inicia seu ministério, e esse crítico e incorrigível "peneirador de palavras" volta a se manifestar domingo após domingo na igreja local. E isso não é tudo. Ele ouve com tanta atenção que o brilho de seus olhos, o sorriso de surpresa em seus lábios ou a contração das sobrancelhas que indica desapontamento mostram suficientemente o interesse que ele tem pela pregação. Mas como explicar isso? Ele mesmo não consegue resolver o enigma. O novo pregador o interessa e, por sua vez, o repele. Mas ele tem esperança, e a esperança dá vida. Esse método é diferente do antigo, que cobria os lugares profundos da vida com flores. Elas haviam desaparecido de vista, mas ele as viu brilhar novamente, aquelas linhas profundas de uma seriedade de vida mais santa. Quem sabe: o fim ainda não foi alcançado, mas um começo se mostra e o cumprimento não virá em seguida? E leva muito, muito tempo até que ele ouça coisas tão ousadas e agressivas que o obriguem a admitir que seus amigos mais sábios estavam certos, que ele próprio foi enganado. Amargurado por uma nova decepção e com o coração mais apertado do que nunca, ele se fecha em seus antigos aposentos.

E quando me pedem para explicar esse fenômeno impressionante, lembro-lhes, em primeiro lugar, que o então virginal modernismo ainda se escondia inteiramente nas dobras das velhas vestimentas bíblicas, sem as quais nenhuma ilusão teria sido

possível. Mas há mais. Nossos pais haviam ensinado uma vontade não livre e uma pré-ordenação divina. Eles colocaram a graça soberana de Deus em primeiro plano e buscaram a essência da religião na mais profunda dependência do homem. Sábios a seus próprios olhos, os teólogos anões de um dia posterior descartaram tudo isso como conversa fiada e impediram que as igrejas continuassem a viver nisso. Mas eis que, como um novo fenômeno, surgiram os modernistas que, em sua fase, que ainda era determinista, proclamaram doutrinas quase idênticas às que haviam sido ensinadas no passado. Você não vê como o coração do homem da igreja da Antiga Reforma se deleitou quando o livre-arbítrio foi novamente banido da porta e a preordenação divina restaurada à sua antiga honra? E isso não foi tudo. A regeneração também voltou. Os modernistas ficaram entusiasmados, às vezes, com a irresistibilidade da graça. Eles diziam coisas a respeito da perseverança dos santos que cativavam o coração. Mesmo quando sugeriam levemente seus pontos de vista imprudentes sobre o pecado, parecia que os espíritos dos defensores do Supralapsarianismo pairavam sobre eles em bênção.

Confesse: foi estranho que, por um momento, alguém pudesse pensar que eram suas próprias cores que ele viu brilhar? Que a chegada do novo pastor foi um ganho e não uma perda? Mas é o suficiente. Que o modernismo é realmente e encantadoramente belo é evidente pelo fato de que a elite, nossos espíritos mais escolhidos, homens de poder intelectual e seriedade de vida, foram encantados por ele. Homens de renome em todos os departamentos da vida pública, que, por serem os maiores, são os primeiros a vir à mente, deram ao modernismo toda a sua simpatia, de modo que ele tomou emprestado não pouco de sua glória do esplendor de seus nomes. Se você perguntar o que explica isso, responderei que você sabe muito bem o que se pensa nos círculos modernistas sobre o homem inteligente que permanece fiel às antigas tradições. Ele é chamado de monomaniaco, e é declarado abertamente que um produto tão singular da natureza ultrapassa qualquer compreensão. A partir disso, parece que nos círculos modernistas uma caricatura é tomada como a verdadeira cristandade e, com clara consciência de si mesma, ela agora ensina que esse "Zerrbild" não pode ser harmonizado com a seriedade da vida e não é adequado para as crianças de nossa época. Eles estão certos. Não há nenhuma idade das trevas em todo o passado antigo com a qual isso possa estar de acordo. Nenhum espírito humano, nenhum coração humano poderia viver com aquele cristianismo quebrado e remendado que, sob todos os tipos de rótulos, se anunciava como positivo. Tenho certeza de que, se tivessem dito a Atanásio ou Agostinho, Calvino ou Lutero, Marck ou Brakel: "Escolha este cristianismo ou tenha prazer no modernismo", eles teriam escolhido o modernismo, a menos que a graça de Deus os tivesse poupado do terror desse dilema sombrio.

Não devemos nos esquecer de que o mundo pensante não procurou a ortodoxia em suas próprias tendas militares, mas a conhece apenas pela forma com que ela se delinea na retina da opinião pública. Como o cristianismo positivo tem se mostrado ali? Compare os livros de perguntas religiosas de nossa época com os Catecismos de Heidelberg ou Westminster, esses parasitas sem raízes ao lado daqueles carvalhos imponentes, e a resposta a essa pergunta está à mão. O que aparece acima do solo é resumido neles, de modo que temos uma série de fatos singulares e, ao lado deles, uma série de reivindicações morais igualmente singulares, mas nada foi mostrado do organismo artístico que, escondido sob a superfície das coisas, une esses fatos e essas reivindicações. E é claro que não se pode viver com base nisso. O coração humano é profundo demais, os problemas da vida são importantes demais para serem ignorados ou cifrados. Portanto, o mundo pensante já havia abandonado há muito tempo o cristianismo de nossos livros da escola dominical. Quando surgiu o modernismo, que exibiu mais uma vez o esplendor do ideal, analisou novamente o coração humano, indagou sobre a causa, o princípio e a conexão, e fez seus dedos deslizarem ao longo do fio emocionante e vibrante da vida, ele estava fadado a encantar, estava fadado a vencer. Até mesmo o reflexo de um salgueiro chorão no riacho é mil vezes mais belo do que um tronco cortado de um carvalho que, desdenhosamente jogado de lado, fica à beira do caminho.

Além disso, o modernismo se mostra desde o início com o brilho suave do trágico e do triste. Eles prefeririam ter permanecido na antiga tenda do exército, mas, ó igreja, foi-lhes dito que isso não era permitido. Pois a verdade estava acima de tudo, e essa verdade era grande demais para eles, por isso preferiram viver com a verdade em um deserto em vez de viver com uma forma violada dela em um Éden. Tudo isso era bastante natural. Isso conferia a todo o movimento algo que impunha respeito. Algo parecido com a coroa de mártir pairava sobre seus templos. Isso dava a aparência de uma tristeza sagrada, que certamente trazia a impressão de uma fé muito poderosa, que os capacitava, diante de tantos naufrágios, a ainda acreditar em uma libertação e, das profundezas dessa tristeza, a ainda jubilar no amor de Deus. Em resumo, seu rompimento viril com o cristianismo insípido daqueles dias atraiu a sinceridade de todas as naturezas mais nobres, enquanto sua busca por princípios tornou o pensamento de nossa época seu confederado. Por sua aparência trágica, eles conquistaram os corações mais ternos, e por sua tristeza, o coração das mulheres foi levado até mesmo a despeito de si mesmo. Quando sua pregação é avaliada de acordo com o padrão de que "todos os homens são bons, exceto aqueles que o aborrecem", a frequência provisória em grande número é facilmente explicada em todos os sentidos.

Por fim, o verdadeiro cristianismo é um fato da vida que se adapta totalmente ao coração humano e visa preencher cada profundidade desse coração com seu conteúdo sagrado. Essencialmente humano, o cristianismo é humanista até o osso e a medula. Mas, infelizmente, o cristianismo do verdadeiro estoque se perdeu no mercado da vida. Restou algo que os homens chamaram de cristianismo, mas as raízes tenras foram cortadas, por meio das quais ele deve se unir ao nosso coração, e no coração a consciência pela qual ele é apreciado ficou calejada. Vocês se lembram bem disso. Quase sem ânimo, nos sentamos na areia estéril das dunas e, assim como diante do horizonte de Reggio, nada se apresentava aos olhos da alma além de um nível pálido e monótono do mar. Mas eis que surgem diante de nós as figuras modernistas que, vestidas com o traje humanista, voltam a lidar seriamente com as exigências do coração e não admitem nenhum cristianismo a não ser aquele que oferece cooperação e estima ao homem como homem. Agora, de uma só vez, a palidez da morte é afastada da superfície do mar, imagens surgem, uma vida pulsante se desdobra e um palácio brilhante parece acenar de longe. Diga-me, foi estranho que, assim como o Morgana foi saudado pelos habitantes de Reggio, o modernismo tenha sido saudado pelos espíritos pensantes de nossa época com aplausos altos e longos, sim, com um grito de alegria e admiração?

II. Assim, como a visão do Morgana, a impressão do modernismo era encantadora.

Mas o segundo ponto de semelhança é que, após a lei fixa da necessidade, o modernismo estava fadado a se manifestar na atmosfera espiritual. Somente a simplicidade sem arte, que transforma toda a história em um jogo de azar, pode alimentar o pensamento de que o capricho ou a intenção deram ao modernismo seu nascimento e que, se seus apóstolos tivessem permanecido em silêncio, ele nunca teria se espalhado entre nós. A simples observação de que ele se manifestou quase simultaneamente no norte e no sul, aqui e em outras partes do mundo, torna essa opinião absolutamente insustentável. O fato não menos inegável de que, quase na mesma década, ele convocou seus apóstolos - na Alemanha, seu Strauss, no Alpenland, seu Baur, seu Renan em Paris, seu Parker na América e, no Cabo, seu Colenso - aponta de forma muito clara para uma necessidade interna para permitir a ideia de que um mero capricho ou intenção poderia explicar a heresia do modernismo.

A palavra "heresia" soa dura em seus ouvidos? De fato, você conhece Schleiermacher, e também sabe como os líderes do modernismo, desta vez em aliança com os ortodoxos, têm se esforçado para cantar seus louvores. Bem, Schleiermacher restaurou sua antiga honra e a incluiu como um conceito indispensável na dogmática

cristã. A palavra não é odiosa, mas odioso é o odium que Roma lhe atribuiu quando, pela boca de Aquino, fez a afirmação abominável de que um herege "deveria ser cortado não apenas por uma proibição da igreja, mas também pela morte da vida". Não; não foram nossos pais da Reforma, mas Roma, que tinha sede do sangue do herege. Somente Roma é a causa da queda em desuso dessa palavra verdadeiramente estimável. Existem heresias e é necessário que existam, pois no mundo cristão elas surgem de acordo com uma lei fixa, assim como a Morgana na atmosfera. Que o sol tenha completado seu curso ascendente até a metade, que haja objetos que possam ser refletidos, que as condições atmosféricas estejam corretas, e a Morgana deve aparecer; ela não pode ficar longe do seio do mar Mamertine. Da mesma forma, depois de uma era de trevas espirituais, que a luz do conhecimento seja ascendida apenas pela metade, que o cristianismo fique sob o brilho dessa meia-luz, que a atmosfera espiritual contenha os elementos necessários, e a heresia certamente aparecerá; ela não pode ficar longe do seio da igreja de Jesus. Pois, assim como a Morgana é apenas a quebra do raio de sol na atmosfera externa, a heresia é apenas a quebra necessária do raio de luz do cristianismo na atmosfera espiritual de uma época.

Enquanto isso, até que uma teoria ultrapasse os limites da arena científica, ninguém pode classificá-la como "heresia". Ela só é heresia quando se afirma diante da confissão da igreja dentro do domínio eclesiástico, tenta vincular a consciência ao seu reconhecimento e aspira à autoridade no seio da congregação. Então, cabe a nós, necessariamente, pela reconstrução da história, antedatar as credenciais de nossa nobre posição, conforme seladas pelo próprio Cristo; então, a heresia, apesar de si mesma, deve ser transferida da plataforma dos escolásticos para o púlpito e o recinto de oração e, no final, administrar a si mesma seu próprio golpe de morte, afirmando que o que a igreja confessa não é meramente menos correto, mas imoral e pernicioso, e que não há salvação fora dela mesma.

Nesse sentido, toda época que possui entusiasmo e vida enérgica está fadada a ter sua própria forma de heresia aparecendo na igreja de Jesus. Tal heresia, uma vez que só pode ser superada em um conflito espiritual, é calculada para fortalecer seu poder moral. Enquanto isso, embora eu afirme que as heresias estão em relação mais próxima com o espírito da época, não digo que qualquer heresia tenha nascido somente disso, ou que com a repressão de uma, a outra seja totalmente extirpada. A raiz de todo fenômeno herético está no coração humano, cada um de nós carrega o germe dele em seu íntimo e, por essa razão, não há uma única heresia, de todas as que já foram conhecidas, que esteja sempre conosco e permaneça para sempre. Mas, dentre todas elas, há em cada época de despertar uma heresia específica que encontra seu solo

mais bem preparado no espírito daquela época e é alimentada principalmente pelas concepções que são dominantes na época. Dessa forma, esse erro obtém um significado central. Então, chega sua hora em que, longe de se estender secretamente como até então, ele antagoniza abertamente a igreja de Cristo. Então, ele se encontra no zênite de seu poder e, por ser filho da época em que surgiu, deve ser interpretado a partir da refração do cristianismo no espírito daquela época.

Isso, por si só, nos leva de volta ao modernismo. Isso também é uma verdadeira heresia, até mesmo na medida em que o caráter essencial da heresia talvez tenha expressado seu pensamento mais profundo. Pois o objetivo de toda heresia é privar o cristianismo de seu caráter absoluto e afastar cada vez mais o fato da expiação do centro da vida para a circunferência do pensamento, da disposição e da vontade. Tomado em seu aspecto mais brando, o modernismo também exibe os mesmos traços fundamentais de todas as outras heresias, apenas modificados de acordo com o caráter de nossa época. Mesmo o modernismo não é novo; em todos os tempos ele tem causado tristeza na igreja de Cristo e continuará seu curso até o retorno do Senhor. No entanto, ele nunca foi tão dominante como agora. Tampouco nunca antes teve um significado igualmente central. Somente em nossa época foi possível que ela se tornasse o que é. Hoje ela está no zênite de seu poder, mas apenas com a mudança das concepções dominantes do momento atual em torno de algum centro recém-encontrado, ela pode, com a mesma inexorabilidade, descer repentinamente de suas alturas elevadas até que, quase invisível, desapareça abaixo do horizonte da vida.

Entretanto, não é suficiente apenas dizer isso. Isso só parecerá verdadeiro quando for demonstrado que o modernismo realmente satisfaz as três afirmações mencionadas anteriormente de toda heresia.

Primeiro ponto: Padrões históricos de heresia

Em primeiro lugar, a Morgana não pode vir até que, após a noite, o dia tenha amanhecido e o sol tenha alcançado o ponto intermediário entre o horizonte e o zênite. E tentei explicar que, sempre que, após eras de torpor espiritual, a luz do conhecimento começa a brilhar novamente, a heresia pode e deve se manifestar. A história, penso eu, nos oferece a prova dessa lei. Não estou discutindo. Apenas afirmo como fato que, no curso de nossa cronologia, os séculos IV, IX e XVI formam os grandes pontos de virada no processo da vida das nações da Europa. Sem controvérsia, pode-se igualmente dizer que os séculos VI a VIII, X a XVI, e não menos os séculos que precederam o XIX, foram aqueles de esterilidade espiritual, nos quais era impossível que ventos refrescantes

soprassem sobre o coração dos povos.

E o que vemos? Vemos que esses grandes séculos foram os séculos das grandes heresias. O século IV nos deu o conflito sobre a Trindade e o livre-arbítrio; no século IX, o conflito foi sobre o Filioque e o Sacramento. Com a Reforma, germinou a heresia de Socinus e, depois de João de Leyden, surgiu o Remonstrantismo em Armínio. Se agora é indiscutível que ao século XIX deve ser concedido um lugar de honra semelhante na história da humanidade, e se mesmo agora pode ser predito que, como nos dias da Reforma, chegamos a um ponto de inflexão na vida das nações que é tão incisivo que os próximos dois ou três séculos serão inteiramente dominados por ele, então segue-se, de acordo com a lei da história, que uma grande heresia deve se mostrar em nossa época.

Com este século, também, um novo dia amanheceu em nossa parte do mundo. A luz do conhecimento ressurgiu mais uma vez. No entanto, ela está apenas na metade do caminho e só terá atingido seu zênite quando fizer com que todos os seus raios se concentrem no nome único de nosso Deus. Isso ainda não foi feito, como todos concordam. O sol de nossa era não se ergueu sobre o centro da verdade e, portanto, não ficou evidente na confissão da igreja, exceto apenas como uma refração herética - o modernismo.

Segundo ponto: Derivação de imagens modernistas

Isso também não é suficiente. Uma segunda condição também deve ser atendida. Imaginem a Sicília e a Itália desertas, selvagens e desabitadas, e nenhuma imagem do Morgana aparecerá no horizonte de Reggio. Se forem vistas colunatas imponentes no seio tranquilo do mar, colunatas reais devem estar nas proximidades. Assim, também com o modernismo, surge a questão de onde o conteúdo de suas imagens é derivado e quais são as existências reais que ele espelha em seus reflexos.

Sem hesitar, respondo que essa coisa realmente existente é nada menos que o próprio cristianismo. Tem sido dito com frequência que os modernistas estão em terreno pagão. E, de fato, de todas as pessoas, eles têm o menor direito de se ofender com essa censura, uma vez que seu estudo da ciência da religião professa buscar uma base comum com o paganismo. Essa reprovação, entretanto, vai longe demais quando é tomada para implicar que o modernismo poderia ter surgido igualmente mesmo que a igreja de Cristo nunca tivesse existido. Pelo contrário, assim como o reflexo do carvalho não pode tremer na correnteza a menos que o carvalho realmente finque suas raízes nas margens da correnteza, o modernismo nunca teria produzido suas formas encantadoras

se não houvesse uma igreja cristã em nossa época.

Concedo, de fato, que ela nunca trouxe sua luz para o cristianismo real e apenas captou seu reflexo na câmara obscura de suas premissas pagãs; no entanto, você encontra em suas formas todas as linhas do cristianismo, por mais tênues e fracas que sejam. Em sua música, você percebe um eco falso e, com frequência, totalmente diferente dos tons cristãos. A fonte de cada corrente que eles consideram está na página do evangelho, e somente nas Escrituras você encontra as vibrações puras de cada cor com a qual eles pintam. Portanto, pode-se dizer com segurança que, por mais perdido que esteja nos caminhos pagãos, o modernismo ainda pertence ao domínio cristão no mesmo sentido em que as sombras não podem ser separadas das árvores que as lançam. De fato, no espírito do paganismo, ele constrói a verdade somente a partir do homem, mas, à luz de Cristo, descobriu profundidades no homem que nunca foram vistas pelos olhos pagãos. Daí a relação entre os dois e, portanto, também sua diferença.

Terceiro ponto: Atmosfera espiritual de nossa época

Por fim: O que havia na atmosfera espiritual de nossa época para causar o surgimento desse fenômeno, ou por que a heresia de nossa época deve ser o modernismo estridente? A característica fundamental de nossa época é seu realismo, sua sede de realidade. A brincadeira com ideais vazios foi abandonada e, antes de tudo, queremos ver ou manusear as coisas - e, devo acrescentar, apreciá-las. Quatro impulsos conduziram nossa época irresistivelmente para a trilha realista: a falência da filosofia, a impotência da revolução, o alto voo do estudo da natureza e o sono da morte da igreja.

Com relação à falência da filosofia, você se lembra do final da fábula humorística de Gellert sobre o chapéu, cuja aba era primeiro plana, depois levantada, depois virada, depois tingida de preto e, por fim, decorada com tranças douradas, quando, finalmente, a metáfora se desmascara na sátira zombeteira:

" Und dass ich's kurz zusammenzieh',
Es ging dem Hute fast, wie der Philosophy."

(Tradução livre: E para resumir tudo em uma única palavra,
O chapéu se saiu bem como filosofia)

Nessa crítica contundente a toda filosofia especulativa, nossa época ficou do lado do bom Gellert de forma muito injusta. Os homens se cegaram diante dos hieróglifos

do discurso oracular de Kant, banharam-se nas correntes dos sentimentos de Jacobi e, por algum tempo, ficaram intoxicados pelo idealismo do ego e do não-ego de Fichte. No gnosticismo de Schelling, pensava-se encontrar um fundo mais firme e, por fim, a mente estava tonta por causa da ginástica intelectual de Hegel, o atleta elogiado, até que, livre da impressão de que esse era o ponto de partida, retornou à concretude da vida. O solo negro e o inseto mais inusitado eram considerados mais belos do que a mais brilhante teia de pensamento, cujos delicados fios se rompem ao menor vento que sopra.

O papel da revolução e da natureza

Em seguida, a revolução. Nos dias da Revolução, era fato que as fileiras espirituais da vida social e política clamavam ruidosamente por uma reforma. A velha casa estava desgastada; era necessária uma nova residência. Uma nova vida havia despertado e exigia uma nova forma. No entanto, quando se pensou que a demolição de tudo o que estava estabelecido era tudo o que era necessário para que, com o cetro mágico da ideia de revolução, uma forma totalmente nova surgisse rapidamente da rocha, esse sonho insensato resultou em uma grande decepção. Quando o esqueleto do passado já não servia mais, e o que havia sido recém-criado foi pelos ares, todo o gosto pelo mundo do pensamento pertencente à vida mais elevada do povo cedeu diante das exigências do direito e da vocação nacional. A economia política se perdeu cada vez mais na questão realista de capital e trabalho, demanda e oferta.

Em terceiro lugar, o estudo da natureza adquiriu um lugar em nossa vida humana que até então lhe havia sido negado e, por seus ricos resultados, atrai nossa estima e admiração. No entanto, engana-se quem pensa que, dessa forma, nosso domínio sobre a natureza foi ampliado. As investigações mais importantes, as invenções mais poderosas no reino da luz e do ar, não estabeleceram nossa ascendência sobre a natureza, mas, muito pelo contrário, a ascendência da natureza sobre nós. Fala-se dela; a ela são devotadas nossas afeições; por ela, nós nos desgastamos. Ela permitiu que suas forças fossem dissecadas, mas apenas para que, por meio delas, pudesse governar nossa vida humana. E agora ela é visível e tangível, e assim ajuda a aguçar nossos poderes para valorizar o realismo.

A contribuição da Igreja

Por fim, a própria igreja deu sua ajuda a esse realismo. Primeiro, a superfície da água se congelou e, depois, a corrente de sua vida ficou escondida sob o gelo. Seu

discurso era convencional, mas sem sentido, sua vida era ampla, mas inerte. Quando se entrava em seu portal, parecia que todo o frescor da vida era deixado para trás em suas portas. O que era oferecido não podia ser aceito com seriedade. Como linguagem, era artificial demais para o coração e irrefletida demais para alimentar a mente. No início, foi tolerado, mas, no final, não pôde mais ser suportado. De Genestet disse com razão que, durante as longas orações, o pedido mais ardente era: "Restaure-me novamente a verdade e a natureza".

Assim, quatro fatores trabalharam juntos para imprimir à vida de nossa época uma marca muito realista. É nisso que se deve buscar sua força, ao mesmo tempo em que se esconde sua fraqueza, pois todos que também vivem uma vida espiritual sentem que o realismo nos ameaça com um perigo muito sério. A distância de sua tenda até o terrível abismo do materialismo é facilmente medida, e estamos a caminho dele. Na política, os poderes físicos estão ganhando cada vez mais terreno. Em um congresso de juristas em Liège, foi declarado abertamente que não há outra base de direito a não ser a força. O sonho do comunismo, que é sonhado por um número cada vez maior de pessoas - pense na Paris febril -, tem como objetivo nada menos que a violência. Diz-se que todo pensamento é uma transpiração do cérebro, todo sentimento é chamado de descarga das glândulas mais finas, e não é preciso conhecer muito de perto a vida jovem da sociedade moderna para discernir de longe a profundidade que, no materialismo sem fundo, boceja aos pés de toda vida espiritual.

O modernismo como reação

Contra tudo isso, o modernismo tentou formar uma reação. Ele deveu sua existência ao esforço sério de defender a fé no ideal contra a violência do materialismo. É claro que, sem falar de divergências ou extravagâncias, tomo o modernismo meramente como um fenômeno universal e digo que ele tentou ficar mediador entre as coisas que estão acima e o realismo que caracteriza nossa época. Para, se possível, ao mesmo tempo em que compartilhava seu realismo, fazer com que o brilho da vida ideal voltasse a inundar seu semblante pálido.

Oh, quão grandiosamente esse esforço poderia ter sido coroado se, se fosse apenas pelas mãos de Baader, eles tivessem se permitido ser levados de volta ao realismo das Escrituras, e se as palavras tivessem sido adotadas novamente como lema de vida, "das Leiblichkeit das Ende der Wege Gottes ist" (A corporeidade é o fim do caminho de Deus), e nosso mundo monótono tivesse sido refrescado e alimentado novamente por aquele realismo divino que é expresso na encarnação da Palavra, que faz suas artérias

vitais pulsarem no milagre e revela seu brilho tão gloriosamente na ressurreição corporal de Cristo da tumba!

As deficiências do modernismo

Mas, infelizmente! Desde o início, esse realismo foi abandonado e, com isso, alcançou, apesar de si mesmo, um ponto de vista muito enganoso. Em vez de um esforço ousado e nobre para mostrar à nossa era culpada a entente de suas ofensas e, assim, garantir para si uma preponderância moral sobre sua carreira pecaminosa, o racionalismo dobrou os joelhos diante de sua alteza e buscou a salvação em comparação. Foi como se o racionalismo dissesse à nossa época: "Na verdade, seu realismo está acima de qualquer suspeita. Com você, eu também seguirei o caminho da paixão para a realidade. Como recompensa, porém, Poderoso Governante, por essa genuflexão, conceda aos meus ideais um trono em seu domínio". E assim o modernismo empreendeu sua gigantesca tarefa.

As coisas invisíveis estão acima. Para lá ele conduziria, e nossa era o seguiria - mas sob esta condição impossível: que por nenhum momento ele tivesse que levantar o pé deste solo visível e que o terreno para o sagrado fosse apontado em meio a esta vida profana. O modernismo se comprometeu a satisfazer essa exigência. Levado a esse estreito limite por sua própria cegueira espiritual, ele se ajoelhou diante de seu comandante cruel e aceitou seu ultimato abominável. Concedeu as alegações de que não deveríamos nos preocupar muito com as coisas do céu, mas que, antes de tudo, deveríamos nos preocupar com a vida aqui na terra, que o estudo da natureza é o guia também no estudo do reino do Espírito, que em todo conflito entre este e o outro mundo, este nunca deve ceder e, portanto, nenhum milagre pode ser reconhecido. Ele admitiu que falar mais de um supranaturalismo implicava uma crítica ao estado atual das coisas que nenhum filho genuíno desta era poderia tolerar. Sim, ela também admitiu, no final, que se houvesse um conhecimento de Deus, ele deveria ser interpretado a partir do homem como ele é, e se ainda houvesse uma cristandade, ela deveria renunciar ao seu título absoluto de "a única religião verdadeira" para, a partir de então, viver no mesmo nível de outras religiões que até então ela havia evitado como idolatria.

Sucesso inicial e fracasso final

No início, o impossível de fato parecia ter sucesso. O modernismo produziu uma visão de vida e de mundo tão artística, refinada e maravilhosa que todos os interesses sagrados pareciam salvos e o ideal mantido sem violação do duro ultimato que lhe

fora exigido pelo realismo de nossa época. Mas não era mais do que mera aparência, e logo ficou evidente que, mesmo com o cálculo mais liberal, o fundo de nosso tesouro espiritual não poderia ser coberto pela metade. Você sabe que, do lado dos racionalistas, é grande o desejo de levar o honroso título de protestante, e eles são obrigados a fazer com que as pessoas acreditem que o racionalismo e o protestantismo são ramos da mesma árvore, separados meramente por uma aparência anterior ou posterior, de acordo com o tempo de germinação.

Entretanto, nada é menos verdadeiro. O racionalismo escolhe a autoridade humana como ponto de partida em todas as questões de fé contra as quais o protestantismo levantou seu poderoso protesto. Uma vez que é o oponente, e não o resultado do protestantismo, o racionalismo não deveria ser adornado com as honras da Reforma, se não fosse por outra razão, pelo fato de nunca ter conhecido nada da ansiedade da alma, do quebrantamento do coração e da contrição do espírito, de cujas profundezas um Lutero invocou seu Deus. A Reforma buscou a salvação do coração perturbado; o racionalismo buscou a solução de um problema engenhoso, razão pela qual ele conhece apenas uma realidade, a das coisas que são vistas. Ele passa ao largo da realidade daquele outro tipo que é muito mais elevado, que é muito mais firmemente estabelecido e que, mesmo diante do fato do pecado, ainda nos fala do reino "inamovível" de Deus. Esse foi o erro do racionalismo. Ele falava como se ainda estivéssemos no Éden, de um laço natural que une o visível e o invisível, e não entendia que, se ainda vivéssemos no Éden, nunca teria havido salvação, e o cristianismo nunca teria sido conhecido.

A Fata Morgana (Segunda Parte)

III. Bror e Matthieu, dois naturalistas franceses que foram enviados a Duinkerken no interesse da famosa medição do meridiano, dedicaram várias semanas nas costas de fadas do Canal da Mancha para investigar os fenômenos de Morgana. Entre outros experimentos, eles enviaram homens com sinais na direção em que a imagem de luz se mostrava. Esses homens desapareceram, envolvidos pela Morgana, e foram totalmente incapazes de descobrir seu paradeiro. Assim, parecia que a Morgana apenas apresentava pseudo-imagens, confirmando o que Angelucci escreveu muitos anos antes: "A princípio, vi magníficos castelos de ar, mas tudo desapareceu de repente, no momento em que o menor sopro de vento tocou a face das águas". Portanto, se o modernismo está exposto como uma verdadeira Morgana, não basta admirar a beleza de ambos e explicar a necessidade de cada um; a semelhança entre os dois também deve ser demonstrada neste particular: as imagens que eles nos mostram são desprovidas de realidade.

O modernismo não tem realidade. O curso rápido que seguiu em apenas alguns anos parece sancionar esse julgamento. Quem viu o modernismo seguir seu curso apressado e saltar as curvas do leito de seu rio sem se lembrar dos versos de Lenore, de Bürger: "Hurrah! die Todten reiten schnell, Graut Liebchen auch für Todten"? (*Tradução Livre: Viva! os mortos estão andando rápido! Querida, também teme os mortos?*) Pois com "os mortos" a Lenore de Bürger quer dizer apenas o falso ideal consumido pela realidade em seu combate interior. "Viva, os mortos cavalgam rápido", é a tônica da canção inspiradora com a qual, em todas as épocas, o inane e o irreal se apressam em buscar sua solução. A rapidez das sombras, em contraste com a lentidão do que tem existência real, é proverbial entre as nações. Em todas as partes da Terra, a fragilidade da vida é simbolizada pelas palavras: "Como uma sombra ela voa", enquanto a lentidão e o progresso pouco perceptível são características fixas e nunca contraditórias do Divino eterno, que tem existência real e permanece. Schiller não cantou, com toda a verdade de tudo o que é divino, que "para a construção de eternidades, ele mal acrescenta um grão de areia após o outro, enquanto, com o passar do tempo, ele paga a dívida da vida - os minutos e os anos"?

Mas o que alguém já viu dessa "adição de um grão de areia após o outro" nos métodos que o modernismo emprega? Deixando o arquiteto do Palácio de Cristal e um Erwin von Steinbach para trás, os modernistas ergueram em um momento de tempo um belo templo. O material fundamental para esse templo ainda precisava ser preparado, e ele, cobrindo todos os domínios da vida com seus arcos, ofereceria espaço para todas as nações da Terra. Faz apenas alguns anos que ele abandonou seu caráter anônimo, e eis que somos informados por todos os lados - não que os últimos retoques estejam prontos para serem colocados na empena, mas que o santuário concluído e, desde então, antiquado, já precisa ser reconstruído e renovado. Apenas alguns anos se passaram, e ele já entrou em sua quarta fase. Agora o modernismo está se tornando eclesiástico-conservador novamente. Na verdade, isso não sugere o crescimento de um carvalho, mas sim o de uma videira selvagem. O curso da vida não se move tão rápido, desde que se mantenha os pés no chão da vida. Tampouco traz a impressão de uma substância interior quando, nesses períodos comparativamente iniciais de sua carreira, vemos aqueles que abandonam suas fileiras e que outrora carregavam a bandeira. No berço de uma profunda convicção de vida, possuidora de poder moral, tal deserção é inconcebível. Judas não carregava o estandarte, mas a bolsa. A apostasia do cristianismo só veio com a perseguição posterior.

Somente quando o espírito da Reforma se extinguiu é que a propaganda de Loyola ganhou espaço. Mas aqui vemos exatamente o oposto. A criança mal havia sido desmamada quando começou a mostrar sinais de enfraquecimento. Homens de raro

talento, que falaram de forma tão calorosa e convincente ao nosso povo, estão perdendo a fé no que pregaram aos outros e deixaram de lado suas vestes oficiais. Incluindo os deuses menores, a companhia é considerável daqueles que já lamentam o modernismo juvenil.

Mas também devemos levar em conta seu sucesso. Pois o sucesso tem muito peso, desde que não seja medido segundo o padrão do aplauso barato, mas pelo entusiasmo que o modernismo despertou e pelo poder que exerceu. Os aplausos populares não faltaram enquanto o modernismo continuou a derrubar as coisas existentes. No entanto, injustamente, o escarnecedor sensual é levado a pensar consigo mesmo: "Agora vocês veem, ó povo piedoso, é exatamente como eu lhes disse. Todas as suas noções são absurdas. Seus próprios pregadores lhes dizem isso". Todos nós nos lembramos da reclamação de Zaalberg, proferida em um momento de grande franqueza: "Enquanto parecia um apelo para suas negações, eles permaneciam juntos, mas no momento em que eu tentava, à minha maneira, chamá-los à seriedade, eles se dispersavam". E, no entanto, esse é o ponto exato na estimativa de seu sucesso. Qual era o objetivo deles? Qual era a pretensão deles? Era para dar àqueles que eram sérios uma forma para sua seriedade? De fato, não; mas lançar uma barragem contra o materialismo para conquistar a multidão sensual, obstinada e sempre brincalhona para o ideal. E será que eles atingiram esse objetivo de forma aproximada? É claro que você tem sua experiência e eu tenho a minha, mas, para mim, não foi o que pareceu. Pelo contrário, entre os homens de energia mental santificada em seu meio, quase sempre descobro os efeitos posteriores de um treinamento estritamente ortodoxo. Aqueles que são eruditos em outros departamentos e que fizeram eco a eles se contentaram, em sua maioria, apenas com esse eco. Os leigos cujo entusiasmo foi acelerado eram, em sua maioria, aqueles que, antes de abraçarem sua bandeira, haviam se movimentado em círculos mais sérios. O sucesso de suas pregações já está diminuindo. Com o clima eclesiástico, ficou muito claro o quão pouco o modernismo é capaz de levar a melhor, mesmo no primeiro fogo da batalha partidária. E quando você se mistura às companhias de frequentadores de teatro e membros de clubes, não encontrará nenhuma outra mudança a não ser o fato de que eles são tão avessos à seriedade como sempre, e que a partir do racionalismo eles formaram sua arma para banir a seriedade da vida com uma consciência menos perturbada. Não estou dizendo que os modernistas toleram isso, muito menos que esse seja seu objetivo. Compreendo perfeitamente que isso deve entristecê-los tristemente. Apenas me refiro a isso como um padrão da realidade de sua força.

Seu poder limitado de criar formas adequadas é um apelo igualmente fraco para a força e a substância internas do racionalismo. Um movimento espiritual que possui uma

realidade interna exhibe seus poderes robustos de crescimento na forma que cria para si mesmo. Essa forma pode, por um longo tempo, ser marcada pelos pontos grosseiros e inacabados peculiares a todo filhote, mas não se pode negar que, nos primeiros dias felizes de sua experiência, a vida do espírito é conhecida pela extravagância e não pela penúria da capacidade criativa.

Mas não vimos nenhuma indicação disso no racionalismo. Em vez disso, ele mostrou sinais de decadência e mortalidade antes mesmo que o início de uma forma fosse produzido. O modernismo não busca meramente travar uma guerra com armas científicas; ele também busca ser uma tendência prática para a religião na vida. Portanto, uma forma de vida na qual se apresentar não seria um luxo para o modernismo. Mas as velhas vestimentas ainda estão sendo usadas, por mais que não se adaptem às novas condições, e embora tenham criticado a igreja antiga, não fundaram nada melhor para si mesmos. Por um tempo, eles carregaram o vinho nos odres antigos e, quando descobriram que é difícil realizar o trabalho da igreja exclusivamente com os cultos, e a plebe, antes desprezada, recuperou sua importância, o modernismo deu as mãos em casamento com seu próprio desprezo e confessou abertamente sua pobreza em criações originais, investigando cuidadosamente nossos métodos de tricotar nossas redes de pesca e, em seguida, passando a tricotar as deles da mesma maneira.

Como os "folhetos" foram ridicularizados por eles! Que risadas provocaram nossas escolas dominicais! Quão amplamente nossas Associações Cristãs de Moços foram alvo de seus trocadilhos! Como essas "Fábricas de Piedade" foram ridicularizadas! E, no entanto, como a necessidade de métodos se fez sentir, os próprios modernistas se tornaram distribuidores de folhetos, as esposas de seus ministros abriram escolas dominicais e, *mirabile dictu*, Associações Cristãs de Moços foram fundadas sob o patrocínio modernista. Por um momento, eles esperavam realizar nossos serviços funerários. Agora os vemos se vestindo com o que consideravam nossa mortalha. Essa rápida carreira e fuga precoce, essa limitação de poder e a confessada falta de faculdade criativa nos dão apenas uma leve impressão da realidade do modernismo.

Vamos agora dar um passo à frente e investigar os dados a partir dos quais eles formam sua soma total e ver por nós mesmos se são dados reais e fatores reais. Eles contam com a religião e a moralidade, com a teologia e a igreja. Vamos considerá-los brevemente.

Com relação ao seu ponto de vista religioso, faço a tripla objeção de que seu Deus é uma abstração; que sua oração é desprovida de oração; e que, se forem coerentes,

devem necessariamente negar o governo divino.

O Deus deles é uma abstração e não tem existência real. Digo isso com toda a seriedade. Estou ciente de que os racionalistas não têm consciência disso, pois adoram e veneram, amam e exaltam em canções algo que, não raro, chamam de Deus. Concebendo uma pessoa, eles emprestam a esse algo realidade e existência pessoal. A esse objeto de sua adoração, atribuem poder que afeta sua vida moral. Tudo o que há de mais elevado e sagrado que são capazes de conceber é resumido para eles nessa ideia de Deus. Eles se sentem totalmente perdidos nesse Deus de sua própria imaginação, e a ele consagram qualquer súplica que saia de seu coração. Sim, essa ideia de Deus é tão importante para eles, em sua visão da vida e das necessidades da alma, que, tanto no futuro próximo quanto no futuro distante, eles olham para ele com uma firme esperança na consumação de todo o bem e na vitória de toda boa causa. Mas será que isso significa que, na realidade, um Deus vivo corresponde a essa ideia de Deus que eles criaram para si mesmos?

Um episódio da vida do poeta lança sua própria luz peculiar sobre isso. Acima de todas as outras coisas, o coração do poeta precisa de um amor puro e idílico. Por isso, com a maioria dos poetas, encontramos esse fenômeno singular: eles cantam seus melhores hinos a uma Beatriz ou Laura, uma Molly ou uma Adelaide, enquanto muitas vezes se casam de forma infeliz, de modo que, no mundo dos poetas, o divórcio não é de forma alguma uma ocorrência incomum. Um deles não hesitou em dizer, após a morte de sua esposa:

"Wie aus Nacht und Moderduft
Fahl ich froh mich Auferstanden,
Tu des Frühlings Licht und Duft".

(Tradução Livre: "Como da noite e do cheiro de mofo eu me levanto alegremente,
Para a luz e a fragrância da primavera".)

De onde vem esse contraste? Examine os primeiros escritos dos grandes poetas da Europa e você verá que eles não apenas cantam o desenvolvimento ideal de um amor que consome a alma, mas, a partir da ideia, eles também inferem a realidade e, portanto, adoram o próprio amor na pessoa imaginária de uma donzela pura, bela na forma e resplandecente na graça. E, no entanto, toda mente mais sóbria, estranha às suas criações e ilusões, percebe prontamente que todas essas imagens nada mais são do que o reflexo das emoções de sua própria alma e são totalmente desprovidas de realidade. Às vezes, involuntariamente, eles mesmos confessam isso, como, por exemplo, Matthis, na estrofe final de sua Adelaide:

"Einst, O wunder, O wunder, entblüht auf meinem Grabe
 Eine Blume der Asche meines Herzens.
 Deutlich schimmert, deutlich schimmert".

(Tradução livre: "Um dia, ó maravilha, ó maravilha, uma flor das cinzas do meu coração florescerá em meu túmulo, claramente cintilante, claramente cintilante".)

Schiller não se saiu diferente. Ele criou sua Laura e, quando se ouve Schiller cantar sobre sua Laura, percebe-se que não há sombra de dúvida em sua mente quanto à realidade de sua existência. Ela está lá, ele a vê, sua vida é dedicada a ela, seu coração palpita por ela; em tudo, ele pensa carinhosamente que ela está em primeiro lugar e, no mundo da vida de sua alma, ela é a realidade mais elevada.

Como quem foge da noite e da tempestade,
 Sinto-me como se tivesse ressuscitado recentemente
 À luz e à alegria do início da primavera.
 Uma vez, ó maravilha, floresceu em meu túmulo
 Uma flor sobre as cinzas de meu coração
 Brilha claramente em cada folha roxa
 (o nome) Adelaide.

E, no entanto, o que parece realidade para ele é apenas uma brincadeira, produto de sua própria imaginação. Aquela Laura que exerce um encanto tão potente dentro dele existe apenas enquanto Schiller pensa que ela existe; fora de seus pensamentos, ela não tem existência! Por fim, Schiller se casa. Sua esposa não é Laura, pois ela vive e precisa atender à demanda da existência. E agora, em sua correspondência confidencial, esse mesmo Schiller confessa que encontrou o amor real e harmonioso e que a tensão apaixonada de seu coração deu lugar a uma paz sagrada. Do romântico, portanto, nós o vemos voltar ao real. Mas Dante, Bürger e Byron não foram capazes de fazer isso e foram condenados a passar seus dias na solidão ou a dissolver diante da corte sua recém-acendida aliança.

Que essa seja para nós a figura da ideia que os modernistas têm de Deus. Eles têm necessidade de adoração e, no estresse dessa necessidade, criam para si mesmos uma imagem do Amor, que é eterno e belo, mas privado da força da existência, que nesse caso é a "santidade". Eles podem chamar essa imagem pelo nome emprestado de Deus, ou, segundo um estilo próprio, o Todo-Ser, ou, segundo a mais nova invenção, o eterno Cosmos; o nome aqui não significa nada; eles se consideram possuidores de um Deus.

O que eles amam é, de fato, apenas o reflexo da imagem de sua própria construção, mas, ainda assim, eles adoram, eles veneram. Tampouco são capazes de admitir que sua ideia de Deus não é real. A condição espiritual da ilusão não consegue distinguir a aparência da essência, e seus olhos podem se abrir para isso somente quando o Deus vivo se revela a eles, e sua pseudo imagem desaparece diante do esplendor de sua exaltada majestade.

Se, então, você perguntar como, em nossa adoração a Deus, podemos distinguir o real do aparente, deixe-me dizer que, em outro interesse e em uma época mais heroica, o catequista do Palatinado teria respondido a essa pergunta de forma breve e incisiva: "Imaginar outro Deus além daquele que se revelou em sua palavra é idolatria". Mas em nossos tempos, mais honra é concedida a Shakespeare. Para mim, ele também é grande, o poeta que é imortal enquanto os corações humanos pulsarem, enquanto a reivindicação desse coração é revelada em suas criações mais plenamente do que ele mesmo sabe. E você se lembra de Hamlet? Também nessa peça, a batalha é travada entre a aparência e a realidade. À meia-noite, um fantasma é visto atravessando a plataforma diante do castelo em Elsinore. Ele se parece com o falecido rei da Dinamarca, mas aqueles que o veem duvidam. Horácio, Hamlet e outros que estão lá se recusam, a princípio, a acreditar. E qual é a prova que se sugere imediata e naturalmente à mente de todos? Ouçam: o fantasma aparece, e Bernardo diz: "Vejam, ele está se afastando". Mas Horácio grita: "Fica, Fantasma, fala; fala; eu te ordeno, fala". E quando, finalmente, Hamlet também percebe o fantasma, o que reanima sua coragem e restaura sua esperança de que a aparência não seja realidade? Ele também grita inicialmente para o fantasma: "Oh, responda-me. Não me deixe explodir em ignorância, mas fale"; e somente quando nenhuma voz responde é que ele diz corajosamente: "Ele não falará; então eu o seguirei". Esse teste também se aplica aqui. O profundo anseio do coração se manifesta na oração: "Ó Deus, se tu és Deus, fala comigo!" e só então há paz interior quando o silêncio opressivo ao nosso redor é quebrado e a palavra viva nos proclama um Deus que falou aos filhos dos homens por meio dos profetas e do Filho.

Com relação à oração, que é a expressão mais elevada da vida, a irrealidade da ideia racionalista de Deus é claramente demonstrada. Até agora, as orações foram feitas em todas as partes da Terra, em todas as épocas, em todas as nações, com a fé confiante e infantil de que o coração que ora é atendido por ouvidos atentos do alto e que a verdade do Eterno é demonstrada de forma mais completa nas respostas às orações. Mesmo agora, ao se misturar com os crentes, você é animado e revigorado pelos testemunhos deles a respeito das orações respondidas. Sim, dificilmente você encontrará um homem cristão cuja alma não tenha reconhecido o mistério da fé na própria resposta às suas orações. Mas, diante do testemunho de todas as épocas e nações, o modernismo ensina

que até agora ninguém entendeu a verdadeira natureza da oração, uma vez que a oração não é um pedido para ser ouvido, mas apenas um derramamento da alma. Na verdade, pelo menos às vezes, eles dizem que a linha de demarcação é incerta e que, quase inconscientemente, a oração deles se funde com a nossa. Mas, em uma ocasião como essa, propus a eles a seguinte pergunta: Se uma mãe se ajoelha e suplica ao Senhor pela salvação de seu filho rebelde, que está longe dela, do outro lado do mar, será que a oração dessa mãe, que daqui sobe às alturas, é capaz de trazer do alto uma bênção para lá, onde seu filho vagueia sozinho? "Claro que não", foi a resposta, e assim foi descoberta em meu coração a brecha entre a oração racionalista e a consciência religiosa. E então eu digo: Não use mais o termo oração. O que você chama de oração é uma elevação entusiástica da alma, um derramamento do coração, um diálogo com sua própria alma e uma descoberta de si mesmo em uma quietude sagrada; e tudo isso é muito bom, é indispensável, estamos dispostos a nos juntar a você em tudo isso, mas o fim disso é onde nossa oração começa.

3. Finalmente, se quiserem ser coerentes, eles mesmos devem negar sua teoria do Governo Divino. Eles confessam que inferem o conhecimento de um Amor Eterno a partir da natureza e da história, enquanto uma maldição que se baseia em ambos parece-lhes o mais puro absurdo. Pois verdadeiramente na natureza se ouve uma linguagem de amor, e também de suas profundezas surge uma voz de ira, falando em um tom ainda mais agudo de crueldade, morte-agonia e destruição. Não apenas a galinha com seus pintinhos, mas também a mosca na teia da aranha interpreta seu terrível segredo. Assim é na natureza, e o mesmo se aplica à história. Lá, também, a justiça prevalece às vezes, mas com a mesma frequência o pobre é oprimido, a boa ação é criticada e aquele que ousou defender a causa da glória de Deus é pisoteado. Ó Cruz do Calvário! Sua simples menção é suficiente para selar para nós a lei que nunca nega a si mesma. De fato, é preciso estar aflito com a superficialidade de uma borboleta Zschokke para proclamar em toda parte, diante de tanta dor, tanta injustiça horrível e tantas lágrimas amargas, que a natureza e a história ensinam o eterno amor de Deus. Se o modernismo quiser pensar, não poderá ignorar esses fatos. Portanto, no final, ele deve fazer uma de duas coisas: abandonar o amor em Deus ou o Governo Divino na história. Se, negando a maldição, ele continuar a sustentar que na natureza seu Deus se revela, ele deve testemunhar que o amor eterno em seu Deus se torna pálido. Se ela não fizer isso, se continuar a se apegar à sua ideia do amor eterno de Deus, então, necessária e inexoravelmente, ela tende à temível confissão: não vejo vestígios de um Governo Divino. E a isso ela já chegou. O Dr. Hooykaas, que é um de seus líderes mais escolhidos, proclamou abertamente que nas circunstâncias externas da vida humana, nada se vê de um Governo Divino.

Agora chegamos ao domínio da moral, e aqui vamos investigar se o homem, como o modernismo o retrata, o pecado, que ele antagoniza, e o ideal moral que ele persegue, podem resistir ao teste da realidade.

Primeiro perguntamos sobre o homem, já que ele é o ser moral. Mas será que ele continua sendo assim, de acordo com a estimativa do racionalismo? Na imagem-título litográfica com a qual a Descendência do Homem de Darwin foi apresentada ao público holandês, o homem é visto caminhando na mesma floresta em que seus antepassados quadrúpedes mais ágeis se balançam de galho em galho. Essa história foi muito comentada, mas é séria demais para ser engraçada, pois implica nada menos do que a negação de uma criação própria, e o racionalismo segue a zoologia mais recente. Diz-se que não há milagre e, conseqüentemente, não há criação separada no mundo já existente. Nesse caso, resta uma de duas coisas: O homem deixa de ser moral ou uno, ou seja, um ser individual. Pois se sua natureza moral é igualmente derivada da natureza animal, que é inferior, a distinção entre as duas naturezas é perdida, e a natureza absoluta e, portanto, peculiar da vida moral desaparece. Ou, se isso não for feito, se for afirmado que, por uma nova efusão, a vida moral se tornou a posse do mais nobre quadrúpede na hora em que ele se tornou homem, então eu diria, em primeiro lugar, que, apesar de si mesmos, eles têm o milagre de volta; Eles deixam de ser racionalistas, mas com tudo isso eles nunca obtêm um ser, meramente um pseudo-ser; uma figura que, como os antigos doscentes ensinaram a respeito de Jesus, é dividida e montada, e assim é privada da unidade de origem ou raiz que é a característica indispensável de todo ser. Na esfera racionalista, não resta outra escolha senão ser um ocasionalista, com Geulincx, ou um materialista, com Moleschot. Ou a vida moral deve ser interrompida para ser o sublimado das forças físicas, ou de todo homem deve ser confessado o que o mais selvagem Docetismo ousou sonhar a respeito de Jesus; essa é a bifurcação na qual sua estrada termina, e em ambas as direções, ela o leva à destruição do homem. Da mesma forma, o modernismo não tem conhecimento do pecado real. O que era conhecido entre nós como imoral foi engenhosamente traduzido como "ainda não moral", e assim toda a concepção de pecado foi destruída. Não lhe escapou o segredo de como se pode mostrar que o preto é branco, distinguido meramente por uma diferença relativa. Para fazer isso, você precisa apenas lembrar as infinitas variações de cinza, pérola, cor de chumbo e tantas outras que marcam a transição do preto como um osso para o branco como a neve e, então, perguntar em qual cinza está a linha limite que separa o preto do branco. Você começa com o preto. Avança-se no ritmo de uma nuance de cada vez até que, no final, o branco mais estridente tenha sido alcançado, enquanto a tonalidade mais fraca, que pode ser o limite, permanece desconhecida. E não foi de outra forma que o racionalismo chegou ao ponto de vista imoral de que o pecado sempre foi mal

compreendido. Aqui, também, a linha de fronteira fixa que separa a luz das trevas foi abandonada; e, assim, a infeliz declaração teve de ser formulada de que o pecado e a santidade são realmente distinguidos um do outro por nós, mas não por Deus, e que, portanto, sua diferença é meramente relativa. Perguntamos se eles conhecem o sentimento de culpa? Certamente. Assim como um artista é perseguido pela bela forma que se criou em sua fantasia e não o deixa descansar até que ela tenha sido sombreada na tela, eles também são perturbados por uma inquietação interior, uma autocensura que nunca dorme, sendo constantemente perseguidos pelo ideal moral. E admito que isso seja bastante viável, desde que estejamos na companhia de espíritos cultos, onde a paixão escolhe formas mais refinadas ou onde, longe do mercado da vida, ela se isola em seu estudo. Mas entre na vida real e contemple o tumulto furioso do poder do pecado, que opera a destruição de tudo o que toca. Veja a ambição de acumular, a dissipação, a inveja e a volúpia. Lembre-se das sombras de Pantin, o machado de Traupman assassinando uma mãe e seus filhos. Pense nas hienas no campo de batalha sugando o sangue dos feridos e, com selvageria diabólica, violando os corpos dos mortos. Pense nas tigresas de Belleville ou na cena do assassinato na Place Vendôme - e então diga que o racionalista, com sua afirmação "ainda não é santo, fase indispensável no desenvolvimento moral", não faz o sangue correr para o rosto, pois isso apenas mostra que ele não conhece mais a realidade do pecado.

Seu ideal moral é igualmente desprovido de realidade, pois não é a plenitude em si, mas apenas a afirmação de que ela virá. Eles sobem até ela. Eles correm atrás dela. Com todas as suas forças, eles se esforçam para chegar cada vez mais perto de seu objetivo, enquanto eles mesmos confessam que ele deve continuar a ser um sentimento posterior, pois um ideal que é alcançado deixa de ser um ideal. Isso é o que eu nego. Meu ideal é aquele que, em um sentido mais elevado e sagrado, me torna abençoado e feliz, e preenche e penetra todo o meu ser. Isso exige que ele próprio não seja uma reivindicação vazia, mas aquela plenitude de tesouro da qual, com São João, se recebe graça por graça. Então você não sobe até seu ideal, seu ideal desce sobre você. Então, não é a reivindicação do bem e da verdade, mas a bondade eterna, a verdade eterna e a beleza eterna que, no lugar da busca apaixonada e tensa, lhe dão pura harmonia, paz de profundidade insondável e uma calma que é eterna. Pegue emprestada a ilustração do mundo dos tons, que está mais distante de nosso pensamento e, portanto, fornece a prova mais forte possível. Ouça como Mozart declara a respeito de si mesmo que os acordos que ele devolve estão prontos antes de ele entrar em cena; que eles apenas o usam como condutor, e que eles saem para a vida através de seu próprio coração com uma plenitude e uma profundidade que ele mesmo não consegue compreender. Observe isso na canção Buss, de Beethoven, na qual o evangelho completo da Expição

- a mais profunda contrição subitamente seguida pela mais pura e santa alegria - vem ao seu encontro a partir da criação musical da maneira mais encantadora; o próprio grande compositor permaneceu totalmente inconsciente disso, como mostra o poema de Gellert que Beethoven musicou. Esse é o caso em todos os setores da vida. Não buscamos o ideal, mas o ideal nos busca, nos apreende, nos domina, encharca todas as profundezas de nosso ser com sua plenitude propulsora e torna nossa forma vazia cada vez mais semelhante à sua própria essência. Portanto, não "torne-se perfeito", mas "seja perfeito"; não "torne-se santo", mas "seja santo", é o chamado do ideal eterno para aquele que, no Calvário, ouviu o divino "Está consumado". A manjedoura de Belém e, além do Gólgota, a tumba aberta são as realidades sagradas nas quais somente o ideal é conhecido. Somente quando sei e confesso que o Verbo se tornou carne é que minhas aspirações e meus gemidos se transformam em alegria. Somente então, todos vós que tendes sede do ideal, sereis capazes, como Fausto no poema de Goethe, de jubilar:

Hier fass ich Fuß, hier sind es Wirklichkeiten,
Von hier auf darf der Geist mit Geistern streiten,
Das doppelreich heir fangt es an.

(Tradução livre: Aqui eu ganho um ponto de apoio, aqui eles são realidades, Daqui em diante o espírito pode discutir com espíritos, O reino duplo aqui começa.)

E para que possamos dar uma olhada rápida em sua teologia, a fim de ver que mais realidade pode ser encontrada nela, vamos investigar seu sentido histórico, sua pedra de toque crítica e sua base dogmática.

Eles fazem muito em história; seu zelo irreprimível nesse departamento da ciência merece grandes elogios. Mas será que eles trabalham com um sentido histórico? Vocês já viram aqueles quadros de história sagrada e de origem romana em que José usa um manto sacerdotal e os apóstolos são coroados com mitras. Bem, que anacronismo nossa época ousou ao apresentar Jesus de Nazaré vestido com as vestes de um teólogo moderno. A insustentabilidade disso agora é reconhecida por eles mesmos, mas, como sabem, no domínio de Roma há ainda outro método, o método do Abade Brouwers, e ele também é aplicado aqui. Ou melhor, ele teve de ser aplicado, já que toda visão de vida que é gerada a partir do pensamento e não derivada do estado real das coisas está fadada a tropeçar nos fatos até que eles sejam transformados de acordo com sua reivindicação.

Esse é o caso de nossos compatriotas romanos. Sua visão de vida e a história de nossa nação não podem ser verdadeiras e, não por qualquer má intenção, mas obrigados

por sua maneira de ver as coisas, e para que sua visão de vida possa ser mantida, eles derramam a história da nação em uma nova forma. Não apenas o objeto visto, mas também o olho que vê, determina a imagem lançada sobre a retina e, assim, Roma realmente vê nossa história nacional tal como ela a pinta para nós.

Da mesma forma, não considero a boa fé da investigação racionalista da história. É o falso ponto de vista que eles escolheram que torna impossível sua visão mais precisa. Pois como o racionalismo é, no domínio da religião, o que a Revolução foi no domínio do Estado, ele é obrigado a modelar tudo de acordo com a reivindicação de sua ideia. Essa ideia, que não é derivada de realidades, mas nascida da união falsa do sagrado e do profano, deve entrar em conflito com o presente à medida que se afirma no coração e na consciência, e com o passado à medida que fala na história.

Com eles, um dos dois deve também recuar: o modernismo diante dos fatos, ou os fatos diante da ideia de modernismo. Se eu não puder permitir o primeiro, uma vez que a vida do meu espírito está intimamente ligada ao racionalismo - de modo que acredito solenemente na sacralidade, acima de tudo, do princípio modernista - então, é claro, o que a história e a Escritura nos dizem sobre Jesus não pode ser válido nem verdadeiro, e todo o passado deve ser modificado, pintado de novo e transposto até que a história, apesar de si mesma, apoie meu modernismo; nesse caso, você vê prontamente que não pode haver menção a um sentido histórico.

Então o nervo desse sentido é morto pelo meu "a priorismo", e essa investigação me ensina o que os modernistas do século XIX pretendem, mas não o que aconteceu dezoito séculos atrás. Sua crítica foi incapaz de realizar isso, pois, ao considerar que era objetiva, rompeu toda a conexão com a vida. Se a genuinidade do ouro tiver de ser testada, a pedra que será usada deve primeiro ser examinada para ver se é uma pedra de toque. O metal precioso só transmite seu traço de ouro quando a pedra que ele toca se adapta à sua natureza. Portanto, antecipadamente e por natureza, deve haver uma relação entre o objeto escolhido e a pedra empregada, caso contrário, o teste não será realizado.

O modernismo, no entanto, nega isso e afirma que se trata de liberdade de preconceito e restrição de escolher lados antecipadamente, e exige que você faça uma estimativa da beleza do mundo das cores, mesmo que não haja qualquer relação entre essas cores e seu olho. Assim, neste caso. Para nossa observação, um mundo cristão se mostra, com um espírito, uma linguagem e uma vida própria. E um crítico normal diria: "Você não pode julgar isso, a menos que possua aquela simpatia de espírito com

ele que lhe permite penetrar em sua própria vida".

Mas não, diz o modernista; o assunto aqui não é nada, o objeto é tudo, e por meio de uma crítica selvagem que se inclina a verificar tudo, menos a si mesma, e não aceita nenhuma verificação, toda a cristandade é destruída. Assim, e somente assim, foi possível que um excelente professor demonstrasse com zelo e nobre entusiasmo que, com exceção de pouquíssimos versículos, a genuinidade do evangelho de João era tão clara quanto o dia - as pessoas eram históricas, a conexão era tão próxima, tudo trazia a marca da naturalidade e da genuinidade na testa - e, poucos anos depois, esse mesmo professor publicou uma brochura na qual mostrava que imediatamente tudo havia se tornado diferente; que as mesmas pessoas, as mesmas palavras e os mesmos traços que haviam provado a genuinidade de forma incontestável, agora tornavam a não genuinidade tão manifesta que todo esse evangelho não continha uma única palavra escrita pela mão de João.

É claro que não faço nenhuma exceção a qualquer reconhecimento de uma visão melhor. Todo homem de convicção honra isso. Mas o que deve ser rompido é o nimbo sagrado no qual os críticos se atrevem a se retirar, que permanece alheio à essência das coisas e, exigindo a sujeição de todos, meramente brinca com o "corpus vile" segundo o capricho do a priori.

O mesmo se aplica ao dogmatismo deles. Por mais que se oponham completamente ao dogma, eles próprios são dogmáticos muito obstinados. Um dogma é uma tese que, correndo o risco de perder, você deseja que os outros aceitem. "Nós confessamos", diz a igreja; "e você que confessa o contrário, saia do meio de nós". Da mesma forma, o modernismo declara: "Nós acreditamos, e aquele que disser o contrário perde o direito de ser um homem culto e educado".

Ou, diga-me, o que são elas além de premissas não demonstradas e, portanto, do ponto de vista deles, dogmas baratos, quando em toda a sua pregação o racionalismo parte dessa confissão, que em poucas palavras eu delineio assim: "Eu, racionalista, acredito em um Deus, que é o Pai de toda a humanidade, e em Jesus, não o Cristo, mas o rabino de Nazaré. Acredito no homem que, normal por natureza, só precisa se esforçar para alcançar a perfeição. Acredito que o pecado é meramente relativo e que, conseqüentemente, o perdão do pecado é apenas um achado humano. Acredito na esperança de uma vida melhor e, sem julgamento, na salvação de toda alma."

É claro que eles são livres para confessar esses dogmas, e nós também somos livres

para mostrar a falta de realidade neles. Pois veja: é a própria característica de um dogma que, independentemente da mudança de opiniões, indica as linhas fundamentais e inamovíveis ao longo das quais a verdade sagrada avança em cada época. Seus dogmas, ao contrário, são meramente as reimpressões das concepções que são dominantes nesta era, trazidas do mercado da vida não estudada para a igreja de Jesus e sancionadas pela autoridade moderna. Observe com que frequência eles também mudaram seu dogma, que se apoia no que deveria apoiar e se envergonha de seu próprio caráter.

Finalmente, a igreja deles carece de todos os atributos que determinam a essência de uma igreja. Seu lema, "Nós manteremos", é de fato sua pretensão, mas não é uma prova, e não determina nada. Se, de fato, o direito a esse provérbio deve ser concedido a eles, o argumento com o qual eles defendem essa pretensão deve ser examinado primeiro.

Um de seus principais homens se comprometeu a fazer isso da seguinte maneira. Ele disse: "A igreja de Jesus é uma associação de todos os que vivem pelo ideal; nós, modernistas, fazemos parte desse número; portanto, a igreja também é nossa." Por que não: "A nação francesa é uma associação de pessoas que lutam pela ideia; você luta pela ideia; portanto, você é um francês?" A própria doutrina do silogismo coloca esse argumento fora da arena. Mas ouça este argumento: "Os reformadores se levantaram contra Roma com a exigência de 'livre investigação'. Essa investigação, que mal foi iniciada por eles, muito menos concluída, é, portanto, a característica da Reforma, seu princípio motor, sua glória e sua fama. Há muito tempo esse princípio perdeu sua força entre nós, e a igreja se acomodou com a herança ainda não examinada que nos veio de Roma. Nós, como verdadeiros filhos da Reforma, retomamos a investigação que havia sido encerrada prematuramente. Em virtude do direito de princípio, portanto, devemos ter permissão não apenas para sermos membros, mas também para ocuparmos os primeiros lugares em sua igreja". Esse também é um silogismo que é menos perspicuo, mas sofre da mesma falha. "Livre investigação" é o termo que é comum a ambos os membros, mas cada vez em um sentido diferente. A criança investiga livremente seu brinquedo, quebrando-o em pedaços, mas o comerciante de pérolas também investiga livremente para separar o falso do genuíno. O racionalismo agiu como a criança, enquanto a Reforma foi como o comerciante. Até o momento, não foi observada nenhuma semelhança familiar.

Ou você gostaria de saber o que Lutero ou Calvino pensavam sobre essa tentadora investigação? Leia como eles castigaram Carlstadt e Servet, o "Schwirmer"

e o Unitarista, e então decida por si mesmo quanto à ternura com que eles teriam considerado o "osso do meu osso" de Strauss e Renan! Mas os Remonstrantes e, mais cedo ainda, os Erasmianos não nos mostram inegavelmente que, lado a lado com a corrente da ortodoxia, uma corrente heterodoxa fluiu pela vida de nossa igreja? Quem nega isso - desde que se acrescente que a igreja sempre a desaprovou por ser estranha tanto à sua natureza quanto à raiz de sua vida.

Mas é perguntado: "O que é a igreja? Não nascemos na igreja e, conosco, milhares de pessoas cuja aversão ao modernismo é igual apenas à aversão à sua ortodoxia? Se, então, em épocas anteriores houve diferenças de opinião, o que nos prende ao passado? A igreja é a geração viva do momento presente. Que eles façam de sua igreja o que quiserem! Mas suponhamos que eles a transformem em seu oposto - uma associação de abstmios que, depois de algum tempo, se compromete a administrar uma destilaria? Sem dúvida, a geração atual e viva pode fazer isso. Mas essa não é a questão. A questão é se ela pode fazer isso e, ao mesmo tempo, continuar sendo a Igreja de Cristo. É claro que isso não é decidido pela vontade de uma única geração, mas pela lei fixa do pensamento lógico; uma lei que exige que, em primeiro lugar, sejam descobertos os traços de caráter da igreja como tal, e que então se decida se esses traços se harmonizam com suas reivindicações. Somente a história pode mostrar essas características. Seu ponto de vista ou o nosso não tem nenhuma importância aqui. Se agora a história ensina que uma das marcas mais seguras da igreja é banir aquilo que lhe parece ser o único verdadeiro, julgue por si mesmo se sua tendência de espíritos pode se harmonizar com o ser essencial da igreja. No entanto, a igreja me aceitou e me consagrou como seu ministro! De que adianta isso? Uma igreja também não pode fazer, em um sentido moral, o que antagoniza sua própria vida e natureza. Se, no entanto, ela fez isso, foi errado, e ela não pode despertar para a autoconsciência, a não ser que imediatamente sinta o estímulo de seu chamado para corrigir novamente o erro e anular o que, se permitido, a tornaria culpada de suicídio.

Confessem, vocês mesmos, o que é a igreja para o modernismo? Ela deve ser algo que outra coisa não seja. Ela deve ter seus limites que determinam onde começa e onde termina, e o que deve e o que não deve pertencer a ela. Essa fronteira, essa limitação, não pode ser tomada arbitrariamente, mas deve fluir de seu ser. Ela não pode continuar o que é agora. Ela não pode continuar sendo o que é agora, um grupo acidentalmente unido, cuja participação é determinada meramente pelo passado ou pela lentidão da ação. Ela não pode perder sua identidade na sociedade, nem com o "utilitarismo" almejar a mesma marca. Ela não pode ser apenas o que também é possível entre os seguidores de Buda ou de Confúcio, mas deve ter uma natureza própria que a distinga

dos outros.

Como o modernismo deve decidir essa questão? Deverá dizer que a igreja é "uma associação moral-religiosa; e depois o objetivo? Uma associação para a adoração divina; e então nosso Israel? Uma associação daqueles que prestam homenagem a Jesus como um ideal - fique atento! nem mesmo isso é confessado por todos. Além disso, muitos judeus já fizeram isso; até mesmo alguns brâmanes já fizeram isso! E então? O modernismo já se envergonha do vazio de suas próprias frases, toma consciência de sua pobreza e nos chama para uma confissão. É claro que ele tinha de chegar a isso. Mas com esse retorno ao que antes era rejeitado, a impotência do modernismo, pelo menos para nos dar uma igreja segundo as reivindicações do direito, é exposta. Pois sabemos que a ideia de uma "igreja com uma confissão" nunca pode ser produto do modernismo, uma vez que ele denuncia o princípio e, portanto, foi emprestada não de suas próprias provisões de reserva, mas dos tesouros bem cheios da ortodoxia.

Assim, seja qual for a direção em que lançamos a pista, vemos o fundo da realidade afundar sob nós. Nenhuma realidade de Deus, nenhuma oração real, nenhum Governo Divino, a realidade da vida humana ameaçada, nenhum pecado real, nenhum ideal real, nenhuma história genuína, nenhuma crítica verdadeira, nenhum dogma capaz de ser provado e nenhuma igreja real. De tudo isso, encontramos os nomes, as sombras, mas não a raiz do ser.

E, no entanto, repito o que disse no início: não gostaria que o modernismo tivesse deixado a desejar. Mantenho minha afirmação. Em uma igreja como a nossa, situada em uma época em que vimos a luz do dia, o modernismo não apenas estava fadado a surgir, mas também serviu como uma bênção. Os princípios estavam guardados e, por meio de suas ousadas negações, o modernismo os resgatou de seu túmulo. Havíamos deixado de nos desenvolver e, com seu ataque implacável, o modernismo nos obrigou a retomar o trabalho espiritual. Não havia nenhuma conexão aparente entre a igreja e nossa época, e o modernismo nos obrigou a procurar uma. Pelo simples fato de não se preocupar com a reivindicação da realidade, ele foi capaz de, em um momento, percorrer todos os caminhos dos espíritos e nos mostrar inúmeros atalhos e estradas secundárias que nunca haviam sido percorridos por nós antes, e que a igreja ainda não havia revestido com seu espírito cristão. Em suma, quando digo que, sem o modernismo, ainda estaríamos gemendo sob o braço de chumbo de um conservadorismo que tudo mata, você entenderá em que sentido ousou proclamar abertamente que, tanto de fato quanto moralmente, o modernismo salvou a ortodoxia na igreja de Jesus.

Mas - salvo como apenas o corte até a borda pode, às vezes, fazer com que a árvore com câncer brote novamente; salvo, como às vezes um homem doente é salvo pela injeção de veneno em suas veias, ou, se preferir, como um ataque avassalador do inimigo pode, às vezes, aprofundar a auto seriedade de uma nação; uma salvação, portanto, da qual entendo perfeitamente que causa terror ao coração. O senhor chama o modernismo de bênção, e isso pode ser respondido a nós; mas e se o machado golpeasse fundo demais, o veneno se tornasse excessivo, o ataque se transformasse em destruição e as águas do modernismo engolfassem inteiramente nossa antiga fé? Veja como ela ganhou força, que reservas de inteligência ela tem à sua disposição, que influência sem medida ela exerce! E mais do que isso, observe como a tendência dos espíritos como um todo escolhe o lado do modernismo e contradiz nossa fé! Não nego esses fatos. E, no entanto, quando a prosperidade do modernismo ameaça privá-lo de toda coragem, o conforto flui dos poços da história.

Você se lembra do nome Dioscórides, o pseudônimo sob o qual um renomado professor escreveu, há alguns anos, uma visão do futuro. Você ainda deve se lembrar daquele passeio em Londínia, com seus céus de vidro, seu tempo aleutiano e aquecimento mecânico, linguagem de viagens e atividades. Isso foi mais do que um sonho. Havia verdade naquele quadro da imaginação, já que o futuro foi desenhado segundo a lei do passado. Portanto, estamos seguros quando, com o conhecimento do passado em mente, fixamos nosso olhar no futuro e o declaramos como nossa firme convicção: Ó Igreja de Cristo, não tema o modernismo! Não é a primeira vez que uma heresia tão destrutiva irrompe na igreja de Cristo. Volte aos primeiros séculos cristãos e você encontrará a heresia ariana, que, assim como o modernismo, abalou a fortaleza cristã até seus próprios alicerces, e cuja carreira não pode ser traçada sem que você se surpreenda com os pontos de semelhança com o modernismo. Eles não eram apenas parecidos pelo fato de que, seguindo os rastros de Ário, o modernismo também nega a divindade de Cristo, mas também pelo fato de que o motivo mais profundamente oculto de ambos coincide. E para que ninguém pense que, levado por meu tema, busco semelhança onde não há nenhuma, apelo a um apóstolo do modernismo, Ferdinand Christian Baur, que descreve a natureza essencial do arianismo nestes termos: primeiro, sua falta de realidade para a vida religiosa e, segundo, sua recusa em reconhecer o cristianismo como a revelação absoluta de Deus. Isso também não é tudo o que sanciona o paralelismo entre as duas heresias. Deixe-me falar sobre o arianismo e veja se você não reconhece sua semelhança com o modernismo. De acordo com o testemunho do próprio Dr. Reville, o arianismo encontrou seu maior apoio nas classes refinadas e cultas, e os estudantes queimaram seu incenso em seus altares. Ele não conseguiu criar raízes na igreja e não foi mantido pelo apoio do Estado,

exceto com grande dificuldade. O povo em geral em Alexandria lhe deu as costas, e os locais de culto público ficaram cada vez mais desertos. Em algumas partes do país, tudo era ariano, enquanto em outras províncias não se encontrava nenhum vestígio de arianismo. Eles realizavam reuniões, faziam leituras e, por meio de escritos populares, tentavam alcançar as massas do povo. Em um poema popular, "Thaleia", o próprio Ário cantou sobre sua tendência. Como um Baur dos arianos, Philostory escreveu uma história para demonstrar que seu significado era o da igreja mais antiga. Assim como agora, os partidos estavam divididos em numerosas seções, e o conservadorismo era o freio que segurava a roda do movimento eclesiástico em seu giro. E a história mostra, infelizmente! mesmo com um rastro vermelho-sangue - que o conflito naqueles tempos não foi travado sem ferocidade. Em resumo, a semelhança é tão forte que quase se pode dizer: "Insira na história da heresia ariana, desde que ela seja considerada em linhas gerais, outros nomes e outras datas, e o curso do modernismo está relacionado.

Você teme o poder do modernismo, mas eu digo que, em sua época, o arianismo era forte de uma forma ainda diferente da que o modernismo é agora. Se em nossa época é apenas uma questão de saber se não é melhor resistir aos ortodoxos, nos dias de Ário a ação foi colocada na palavra, e por um tempo o arianismo dominou a situação de tal forma que exilou os líderes do movimento ortodoxo, condenou sua confissão e dispersou seus adeptos, tão grande era o poder ariano, tão alto havia se elevado em honra. E, no entanto, o que aconteceu com toda essa grandeza e com todas essas expectativas ousadas? Como o conjunto de estrelas noturnas, ele empalideceu diante do vermelho da manhã, e fontes antigas precisam ser estudadas para se saber que houve um arianismo. Entenda-me bem. Não estou querendo dizer com isso que o modernismo desaparecerá amanhã, ou mesmo neste século. Mas não se esqueça de que o modernismo conta, comparativamente, apenas alguns anos e que foram necessários quatro séculos para que o arianismo desaparecesse por completo. Portanto, não sejamos impacientes. A doença não pode passar até que a força tenha sido gasta. E, no entanto, não o nego, é a profunda oração de meu coração, para que a igreja de Cristo seja poupada de uma longa enfermidade. Essa é a oração de meu coração, pois amo a igreja e já me perdi no sonho do modernismo, e pedi desculpas pela afirmação de outros de que o que eu via não era real. E descobri a mão de fada de Morgana, e sua bela criação se transformou diante de mim em vapor vazio e nada, somente quando um sopro suave de atmosferas mais elevadas entrou no horizonte de minha vida e a verdadeira realidade me foi revelada na glória de meu Senhor e Rei.

Oh, há uma serpente venenosa que procura entrar em todos os corações e, quando consegue, suga gota a gota todo o sangue do coração das veias, e o homem

chamou esse vampiro pelo nome nobre demais de "dúvida". Eu vi suas vítimas, vi-os, os desnorreados de alma, os impotentes de coração, que, privados de qualquer vontade própria, flutuavam com a correnteza; que conheciam apenas o rubor da excitação, que então se extinguia interiormente e apenas uma vida simulada por um momento poderia esconder sua morte espiritual. Esse monstro se enrolou no braço de nossa era e entrou em seu peito. Oh, vejam pela palidez do rosto, leiam pelo embotamento dos olhos, se essa serpente venenosa já não tocou a artéria principal. E vocês, apóstolos da nova tendência, desejam salvar nossa era dessa morte? Oh, não ignoro os nobres impulsos de seu coração, mas pergunto: que bem trará seu fenômeno aéreo além de um lampejo momentâneo da vela para, em seguida, exausto, mas ainda mais completo, desaparecer completamente? Ou você trará fé? Louvado seja Deus por você ainda desejar isso! Mas onde, eu peço, está a base sobre a qual essa fé alardeada pode se apoiar? E sua resposta é: "No Homem", pois "Eu creio no Homem" é a abertura indispensável para todo o seu oratório. "Eu acredito no homem" é o refrão final de cada uma de suas canções. Mas aqui vocês são seus próprios juízes, pois ou sua fé é apenas aparência, ou, se vocês acreditam de fato, então devem depender do objeto de sua fé e não, ao contrário, ela deve repousar sobre vocês. O! Eu entendo isso. "Realidade, realidade" é a palavra que soa em muitos corações quando isso é dito. Quem dirá o que é a realidade? E é aí que reside o terrível perigo. Pois se você der um ponto de apoio à dúvida, ela o arrastará até que a própria observação dos sentidos se torne incerta. Sim, pode-se ser levado tão longe nesse redemoinho que, por fim, como se estivesse desprovido de razão, a pessoa se torna um fantasma aos seus próprios olhos e, pressionando febrilmente os dedos nas têmporas em grande agonia de alma, exclama: "Sou ou não sou? E esse é o ponto para o qual você está se dirigindo e para o qual leva todos os que embarcaram em seu navio, impulsionados pelos ventos de seu idealismo intangível. Você pode realmente dizer: "Esse sopro fresco refresca deliciosamente minhas têmporas ardentes, seu jogo sobre as águas é tão sedutoramente belo". Mas, apesar de tudo isso, somos humanos, somos homens de carne e osso e, portanto, como o Éden está perdido, o ideal deve mostrar sua realidade também no que é visível e também no que é tangível, ou em seus vapores dançantes ele afasta, volatiliza, a própria consciência de nosso coração. O anseio por essa "manifestação na carne" foi, às vezes, poderoso demais até mesmo para Goethe, o poeta, que nunca bebeu o vinho não adulterado do cristianismo. Vocês sabem como, em seu Torquato Tasso, ele traz à cena o cantor coroado de louros da era da arte italiana, consumido por seu amor por Leonore von Este, a graciosa filha de seu príncipe, que ele encontra em Belriguardo. Gentilmente e com dignidade, a princesa o afasta, como se seu coração de poeta não pudesse perseguir nada além de ideais vazios. E o que Tasso diz a ela?

"Não; independentemente do que possa soar em minhas canções, devo tudo a um e a um só."

Não são ideais vazios que ele segue:

"Es schwebt kein geistig unbestimmtes Bild Vor meiner Stirne, das der Seele Bald sich überglänzend nahte, bald entzöge."

(Tradução Livre: Não há nenhuma imagem mentalmente indeterminada diante de minha testa, que logo se aproxima da alma que brilha demais, logo a ilude)

E que provas ele tem? Ouça o que ele diz com suas próprias palavras:

"Mit meinem Augen hab ich es gesehen Das Urbild jeder Tugend, jeder Schöne."

(Tradução Livre: Com meus olhos eu a vi, o arquétipo de toda virtude, de toda beleza)

Assim, Tasso também pede "uma manifestação de seu ideal em carne e osso" para que possa acreditar em sua realidade. Ele a encontra em Leonore. Isso é insanidade. Isso é idolatria. E, no entanto, a criação de Goethe mostra que as sombras só desaparecem quando, de coração pleno, pode-se dizer: "Com meus olhos eu vi, eu sei, as coisas que estão lá são eternas". Com Goethe, no entanto, foi apenas o jogo de sua rica imaginação. Mas veja aqui outro poeta, dotado de um espírito infinitamente mais rico do que Goethe, e ouça-o, ouça São João, o filho de Zebedeu, que, não em uma brincadeira, mas na mais santa seriedade e com a mais clara sobriedade, declara:

"O que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida."

Nisso, e somente nisso, reside nossa força. João cantou sobre a Palavra da vida, sobre uma Palavra de Deus que "no princípio" era e é eternamente. Esse, e somente esse, é o ideal, pois somente nele vemos as luzes brilhantes do que é eternamente verdadeiro, bom e eterno em sua beleza. Assim, ele jubila em nossos lábios, e não apenas nos nossos, mas em seus lábios, ó apóstolos do modernismo! Vocês cantam essa canção conosco. Portanto, até esse ponto, viajamos de mãos dadas, mas aqui também nos separamos, para nunca mais nos encontrarmos; já que vocês têm o ideal, mas apenas o ideal, enquanto a igreja de Cristo confessa um ideal que era real desde toda a eternidade

e que foi manifestado na carne. Ou, se preferir, aqui se abre o abismo insondável que faz com que você seja outra igreja de Cristo: que você tem de fato a Palavra, mas que a faz brilhar e resplandecer apenas em Morganas interessantes, enquanto a igreja de Cristo entra em um santuário real, em cujas portas o Triúno de Deus escreveu com uma caneta de diamante esta palavra calma de seu Amor Eterno: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (João 1:14)